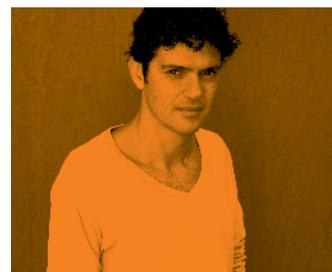




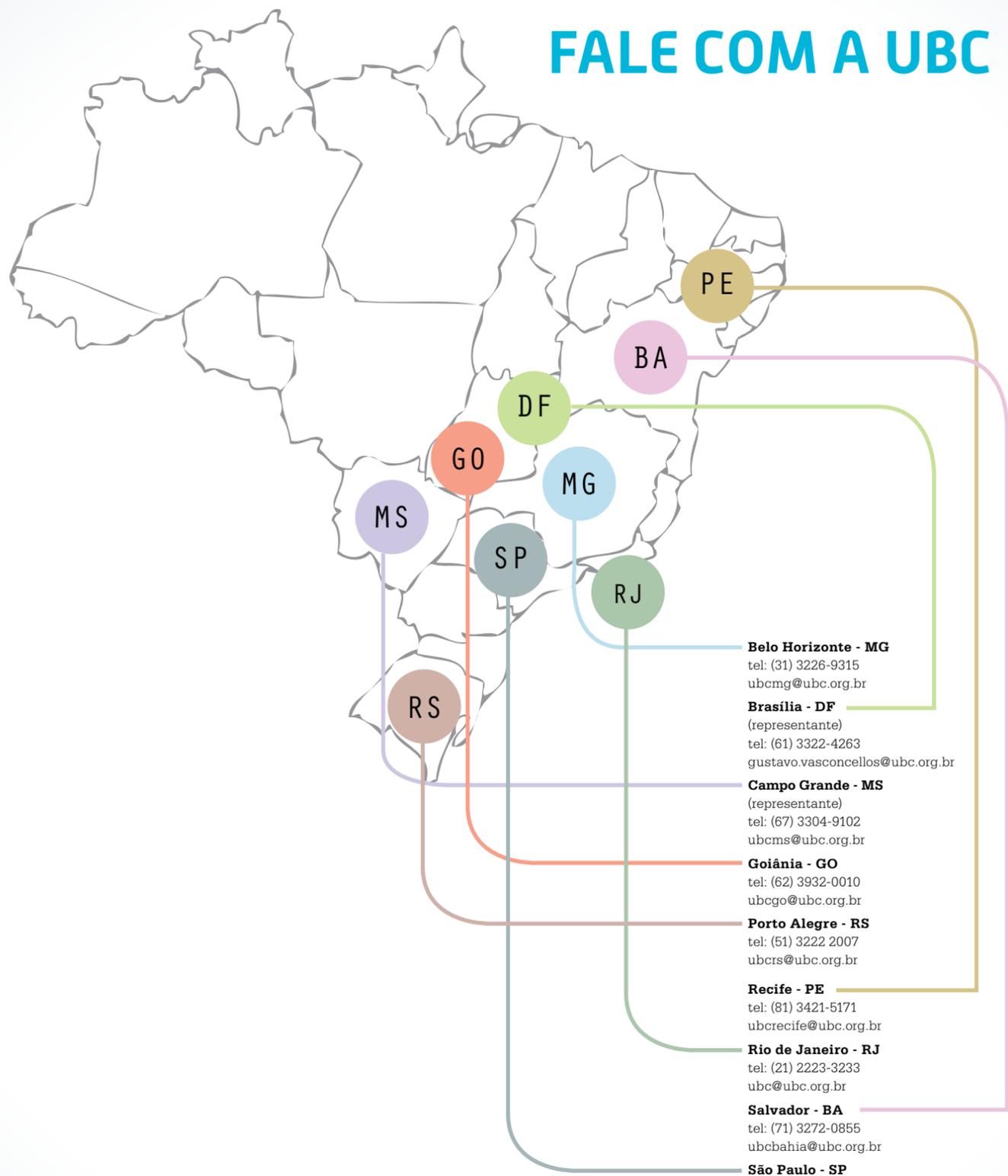
70
ANOS



**EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DA UBC
RELEMBRA A TRAJETÓRIA DA MAIOR
SOCIEDADE DE GESTÃO COLETIVA DO
PAÍS E HOMENAGEIA ALGUNS DOS
PROTAGONISTAS DE UMA HISTÓRIA
QUE CONTINUA A SER ESCRITA**



FALE COM A UBC



Belo Horizonte - MG

tel: (31) 3226-9315
ubcmg@ubc.org.br

Brasília - DF

(representante)
tel: (61) 3322-4263
gustavo.vasconcellos@ubc.org.br

Campo Grande - MS

(representante)
tel: (67) 3304-9102
ubcms@ubc.org.br

Goiânia - GO

tel: (62) 3932-0010
ubcgo@ubc.org.br

Porto Alegre - RS

tel: (51) 3222 2007
ubcrs@ubc.org.br

Recife - PE

tel: (81) 3421-5171
ubcrecife@ubc.org.br

Rio de Janeiro - RJ

tel: (21) 2223-3233
ubc@ubc.org.br

Salvador - BA

tel: (71) 3272-0855
ubcbahia@ubc.org.br

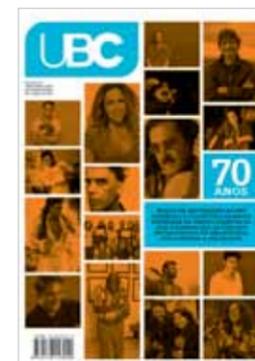
São Paulo - SP

tel: (11) 3326-3574
ubcsp@ubc.org.br

www.twitter.com/UBCMusic
www.twitter.com/RevistaUBC
www.facebook.com/UBCMusica



REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#13 : JUNHO DE 2012



EDITORIAL

Lutar pelo respeito aos direitos autorais é uma tarefa que exige muita perseverança. A cada conquista nunca há descanso, pois logo aparece um novo obstáculo à frente. Será nossa tarefa igual à de Sísifo, condenado a levar enorme pedra ao cimo do morro e, lá chegando, vê-la deslizar montanha abaixo? E começar tudo de novo? O certo é que quem está ao lado da justiça e do direito, da boa causa, não desanima e nem tem medo de assombração. Os poderosos meios de comunicação eletrônica e impressa, aliados a políticos oportunistas, fazem mais uma campanha sórdida contra os autores musicais. Tudo para não pagar o justo preço pela utilização das obras de compositores, cantores e músicos.

Resistiremos e, ao final, venceremos, pois estamos com a razão e defendemos o que a Constituição diz que é nosso.

Fernando Brant



ÍNDICE

04 : NOTÍCIAS	16 : MEMÓRIA
05 : ENTREVISTA JANINE LORENTE	20 : HOMENAGEM
07 : LANÇAMENTO	22 : TECNOLOGIA
08 : PARABÉNS, UBC!	26 : INTERNACIONAL
10 : CAPA	

CAPA / Coluna 1: Alexandre Peixe, Alvin L, Carlinhos Brown (foto de Tiago Lima), Byafra / **Coluna 2:** Daniela Mercury (foto de Célia Santos), Arnaldo Antunes (foto de Bob Wolfenson), Banda Chimarruts, Edeor de Paula (foto de Rachel Camargo) / **Coluna 3:** Arnaldo Brandão (foto de Rodrigo Santos), Claudio Zoli, Moraes Moreira, Domenico Lancellotti, Duca Leindecker / **Coluna 4:** Lo Borges (foto de Pedro David), Luan Santana, Jorge Vercillo, Nuria Mallena (foto de Stella Couto)

A **Revista UBC** é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Aloysio Reis, José Antônio Perdomo, Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr / **Projeto gráfico e diagramação:** 6D / **Editores:** Alessandro Soler (MTB 26293) e Claudia Amorim / **Tiragem:** 6.000 exemplares / Distribuição gratuita

DÉCADAS DIGNAS DE NOTAS

ANOS 40

O NÚMERO 1

A publicação que deu origem à Revista UBC foi o Boletim Social. O primeiro número circulou em outubro de 1943, um ano e quatro meses após a fundação da entidade. Na mesma década, a UBC consolidou suas relações internacionais com o ingresso na Cisac (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores), em 25 de março de 1946, e a instalação, em reunião de 23 de maio do mesmo ano, no Rio de Janeiro, do Conselho Pan-Americano da Confederação, do qual foi uma das fundadoras.

ANOS 50

CUMpra-SE

O Boletim Social nº 40, ano XI, de julho/setembro de 1955, destacou o caso dos juízes que decidiam contra a jurisprudência, ignoravam a Lei Getúlio Vargas e insistiam em recorrer ao "superado artigo 657 do Código Civil", que estabeleceu em 1917 que só haveria pagamento de direitos autorais se houvesse venda de ingressos. A Lei Getúlio Vargas deveria ter sido a solução para o caso usado como exemplo na publicação, em que a Justiça decidiu favoravelmente a um clube em detrimento do pagamento de direitos: em 1928, a nova lei já havia estipulado como critério, em vez da venda de ingressos, o pagamento de mensalidades e a remuneração dos músicos. É também nos anos 50 que começam as caravanas da UBC, que, com apoio do ministro Clóvis Salgado, do MEC, e a Lei Humberto Teixeira, divulgam internacionalmente a música brasileira.

ANOS 60

ATAULFO ALVES É QUE ERA FIDALGO DE VERDADE

O boletim de março/abril/maio de 1969 anunciava: a UBC e o Brasil estão de luto pela morte de Ataufo Alves. "Neste país em que branco não gosta de preto e o preto não gosta de preto, o nosso Ataufo era o aristocrata mais puro", escreveu Nelson Rodrigues. "Ninguém mais fino, ninguém mais grã-fino. Repito! Mais sofisticado que os outros e, sobretudo, maravilhosamente preto". Numa das fotos da publicação, inteiramente dedicada ao compositor, Ataufo aparece com Sílvio Caldas e as irmãs Meireles na posse como inspetor geral da UBC, em 1950.

ANOS 70

MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

Na edição de setembro/outubro de 1973, o editorial na capa do boletim, com o título de "Missão cumprida", anunciava: "Com a nova lei a entrar em vigor em 1974, o direito autoral no Brasil envereda por um novo caminho". Não se sabia exatamente o que estava por vir, mas, diante da expectativa e da apreensão, uma certeza se afirmava sobre os "lutadores do passado": "A nova lei, entretanto, significa que seus recados foram dados e suas missões foram cumpridas".

ANOS 80

OS COMPOSITORES NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

No dia 1º de julho de 1985, o presidente da República, José Sarney, recebe Braguinha, João do Vale, César Costa Filho, Vanisa Santiago, Romeo Nunes e João Carlos Éboli para conhecer os chamados "seis pontos" do "memorial", que trazia reivindicações sobre os direitos dos compositores.

ANOS 90

CALOTE

Quando a publicação periódica da UBC ainda se chamava Pauta Extra, a edição de agosto/setembro de 1999 registrou a inadimplência no pagamento de direitos autorais sob o título "Calote". "Após anos de tramitação, vários processos de cobrança de direitos vêm sendo extintos pelo STJ. Emissoras usam obras musicais sem autorização e sem pagar direitos de execução pública. TV Record, CNT, TV Manchete, TVA, Globosat e NET são algumas das que têm conseguido se safar através de artifícios jurídicos", dizia a nota, "A lista vai longe. Exibidores cinematográficos (Severiano Ribeiro, Cinemark e outros) também têm processos em curso há mais de oito anos".

2000

MILÊNIO NOVO, REVISTA NOVA

Em agosto de 2009, a publicação da UBC ganha o formato que tem hoje. A capa da revista marca a relação entre a trilha musical e o cinema. "A parceria entre música e imagem consagra compositores e diretores da sétima arte", resume a chamada para a matéria de capa.



"ESTE MOMENTO REPRESENTA UMA FORMIDÁVEL OPORTUNIDADE, DESDE QUE COM REGULAÇÃO"

JANINE LORENTE, DIRIGENTE DA MAIS ANTIGA SOCIEDADE ARRECADADORA DO PLANETA, A FRANCESA SACD, FALA SOBRE A GESTÃO COLETIVA NA ERA DIGITAL E SE DIZ OTIMISTA SOBRE O FUTURO DOS DIREITOS AUTORAIS

Por Alessandro Soler

* Foto de Mariana Quintão

Enquanto a gente comemora 70 anos, a mais antiga sociedade de direitos autorais planeta, a francesa SACD (Sociedade dos Autores e Compositores Dramáticos, na sigla em francês), chega aos 235. Antes, não havia no mundo uma entidade, pública ou privada, capaz de atender aos interesses dos criadores. A mudança de paradigma veio, senão, pelas mãos do dramaturgo Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais, o criador dos libretos de "O Barbeiro de Sevilha" e "As Bodas de Fígaro". Ele foi o articulador de um grupo de artistas insatisfeitos com os pagamentos que recebiam por suas obras e é considerado pelos franceses o

patrono dos autores. Para lembrar um pouco do contexto da criação da mais antiga sociedade arrecadadora do planeta e falar sobre os desafios da gestão coletiva, entrevistamos Janine Lorente, diretora geral adjunta da entidade. Confira os principais trechos.

Pode nos falar um pouco sobre o panorama dos direitos autorais antes da criação da SACD?

É interessante pensar nisso, já que antes de nós havia nada no mundo todo nessa área. A SACD foi criada em 1777 pelo mestre de todos os criadores, Caron de Beaumarchais. Ele e vários de seus pares simplesmente já não podiam aceitar que suas obras ganhassem vida por meio de atores que eram pagos, enquanto eles, os criadores, não recebiam nada. Eles entraram em greve, criaram a SACD e fizeram aprovar a primeira lei de direitos autorais da História.

De lá para cá, quais entre os principais problemas da gestão coletiva a senhora destacaria?

Hoje em dia a SACD representa os direitos artísticos e econômicos de dramaturgos, mas também de escritores e diretores de filmes e séries. Enfrentamos uma infinidade de problemas, embora a França e seus diversos governos sempre deram apoio à cultura e aos criadores. Mas eu diria que num mundo cada vez mais globalizado nossa maior dificuldade é fazer com que criadores de conteúdo audiovisual gozem de pleno status e direitos legais. Múltiplos deles mundo afora continuam alijados dos lucros gerados pelo seu trabalho. É um problema contínuo que eu confio poderemos minorar por meio da internet. A indústria cultural tem mais recursos para explorar conteúdos produzidos por autores e, através deles, aumentar seus lucros. Pode, desta forma, ser a hora certa para os autores e suas organizações conquistarem uma nova posição.

E quais são os principais desafios que a gestão coletiva enfrenta na era da informação?

Este momento representa uma formidável oportunidade, desde que com regulação, para ampliar o acesso a uma infinidade de trabalhos. A nossa responsabilidade, como organizações de gestão coletiva, ou, segundo prefiro dizer, como organizações de autores, será licenciar todos os potenciais usuários dos nossos repertórios, recolher os pagamentos e distribuir, às vezes, nanoquantias de informação sem aumentar o custo da gestão. Temos de nos adaptar aos diferentes tamanhos e modelos econômicos do negócio.



Acha particularmente mais difícil garantir e reforçar os direitos autorais hoje do que em tempos anteriores à disseminação das plataformas digitais?

Durante a maior parte da minha vida profissional tenho representado autores, viajando por todo o mundo a fim de encontrar criadores e legisladores. Na maioria dos casos, o que pude sentir deles foi um grande respeito pelo trabalho dos autores e algum entendimento sobre a necessidade, para o bem da economia global, de proteger seus direitos. Nos últimos cinco anos, algo mudou profundamente. Os criadores continuam a insistir que o acesso gratuito ao seu trabalho é insustentável, na medida em que investimentos são necessários para se fazer filmes e outras obras, e eles precisam dos ganhos do seu trabalho para se manter. Nestes tempos, contudo, qualquer tipo de regulamentação que promova esse simples e legítimo objetivo é alvo de ataques num nível jamais visto antes da internet, até onde eu saiba. Estamos, então, optando por outro tipo de comunicação? Os autores e suas organizações têm sido capazes de explicar essas questões de modo correto? Isso é algo que temos de discutir em nível internacional com a CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores) ou com outras associações representantes. O público precisa de conteúdo cultural, e os criadores precisam do público. É preciso encontrarmos uma fórmula de entendimento mútuo.

Depois de anos de aparente falta de ação, a indústria audiovisual parece finalmente estar reagindo a algo que muita gente acreditou ser um novo paradigma: o aumento da pirataria associado a falhas na arrecadação. Que estratégias as sociedades como a SACD têm desenvolvido para fortalecer os direitos dos autores?

O apetite das pessoas por novos filmes e séries nunca foi grande como hoje. Todas as novas plataformas digitais dependem de trabalhos de autores. A primeira e primordial ação que tomamos na França é garantir um contínuo fluxo de investimento na produção de trabalhos audiovisuais. A fim de ter filmes e séries bem-sucedidos, temos de ter volume de produção. Esta é uma característica da indústria audiovisual. Para o negócio legal prosperar e contribuir para o aumento do PIB dos países, o uso ilegal dos conteúdos deve ser combatido. Temos explicado aos legisladores que algo tem de ser feito para prevenir a troca ilegal de conteúdos culturais na internet. O governo americano tem tomado medidas importantes para combater sites ilegais, como o MegaUpload. Tudo isso teve consequência imediata no nível de consumo (de conteúdos) ilegal.

Como as relações entre as diferentes sociedades pode fortalecer a arrecadação? Qual é o papel do Brasil nesse processo?

Há muitos países onde roteiristas e diretores recebem só uma ínfima parte dos pagamentos e não são beneficiados pelos lucros dos trabalhos nos quais estão envolvidos. Não há explicação razoável para isso. Os legisladores precisam trabalhar para que uma remuneração aceitável seja garantida por lei. Senão, nas negociações contratuais, onde a parte fraca geralmente é o criador, todos os direitos serão assegurados às companhias. O Brasil produz e exporta filmes maravilhosos e numerosas telenovelas. O cinema francês também chega ao Brasil. Apesar disso, o recolhimento de direitos para nossos respectivos autores, nos dois países, não é suficiente.

De tempos em tempos, ouvem-se pedidos de flexibilização das leis de direitos autorais, numa clara tentativa de enfraquecer as conquistas da gestão coletiva. Vê uma ameaça real?

Outra vez, vejo a internet como uma oportunidade formidável para os autores criarem mais trabalhos vistos por cada vez mais pessoas e poderem se manter com os ganhos advindos deles. Mas insisto que é preciso regulamentação e uma maneira melhor de explicar a nossa justa causa: proteger e promover a criatividade nos nossos países. Mas sou uma otimista incorrigível, então tendo a transformar ameaças em oportunidades.

PIONEIRISMO FRANCÊS

A luta pelos direitos autorais na França, iniciada ainda no século XVIII, teve um episódio histórico e emblemático em meados do século seguinte. Um dos cafés mais frequentados pela elite intelectual parisiense daquele tempo, o Les Ambassadeurs, vinha animando suas soirées com músicas de conhecidos compositores sem qualquer pagamento. Até que, numa tarde de março de 1847, o autor Ernest Bourget, sentado no terraço do lugar, escutou os primeiros acordes da sua obra Les Bluettes. Sabendo que não tinha qualquer razão para ceder o uso do seu trabalho gratuitamente, Bourget propôs ao dono do Ambassadeurs uma compensação financeira, o que foi recusado. Numa atitude inédita até então, o artista recorreu ao Tribunal do Comércio do distrito do Sena e ganhou uma indenização. O caso teve grande repercussão nos meios franceses, naquele tempo, e motivou, em última análise, a criação da pioneira Sacem (a sociedade francesa de autores, compositores e editores de música), o que se deu em 1851.

O que não muita gente sabe é que uma brasileira em tudo à frente do seu tempo protagonizou um episódio que guarda grandes semelhanças com o mítico caso dos Ambassadeurs. Na página 10, entenda por que Chiquinha Gonzaga é considerada a pioneira dos direitos autorais no nosso país. [Clique aqui](#)



A UBC NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA

LIVRO RECREIA A FUNDAÇÃO DA MAIOR SOCIEDADE DE AUTORES DO PAÍS. A IDEALIZADORA DO PROJETO, MARISA GANDELMAN, E A JORNALISTA RESPONSÁVEL, BETH RITTO, CONTAM COMO FOI FEITO

Os 70 anos da UBC serão comemorados com a valorização do que há de mais importante: a história, as lutas e as conquistas da instituição. Esse patrimônio vai ganhar um livro, que tem o papel de transformar em documento a trajetória da UBC e do combate pelos direitos autorais. A maior dificuldade encontrada pela jornalista a quem coube a tarefa, Beth Ritto, foi justamente a falta de publicações sobre o assunto. Um dos recursos usados por ela para reconstituir essa história foram entrevistas com gente que vive o dia a dia das ações no campo do direito autoral, como Marisa Gandelman, diretora executiva da UBC, e personagens que contaram casos saborosos, como Edson Alves de Menezes, integrante do conselho fiscal da UBC e mais conhecido como Seu Edson. Ao longo do processo, a jornalista descobriu que havia muito a saber sobre o tema e que a história do direito de autor no Brasil e no mundo é fascinante. Na entrevista a seguir, Marisa Gandelman e Beth Ritto contam como foi a experiência.

O que motivou a UBC a publicar um livro pelos seus 70 anos?

Marisa Gandelman: A comemoração dos 70 anos merecia a criação e a produção de um documento que pudesse não somente marcar o momento, mas também servir para que as novas gerações conheçam a história que levou a UBC a ser o que é hoje. Nossa intenção é promover um olhar de longa duração sobre essa história de luta dos compositores brasileiros, muito mais do que uma fotografia do momento atual. Ao mesmo tempo, precisamos mostrar que, ao longo dos 70 anos, fiéis aos ideais dos fundadores, muito se conquistou em termos da defesa dos interesses dos autores, bem como da técnica e das condições de realização da operação que garante a sua remuneração.

O que chamou mais a atenção no livro dos 70 anos da UBC?

Beth Ritto: A própria história da luta pelo direito autoral no Brasil, os embates e a persistência dos compositores.

Principalmente em dois momentos: em 1942, na fundação da associação, que reúne um grupo de notáveis, como Ary Barroso, Lamartine Babo e Braguinha, dentre outros bambas da música brasileira; e a retomada, em 1989, quando a UBC ganha fôlego e se prepara para enfrentar os desafios do século XXI, sob o comando do José Antonio Perdomo.

Você destacaria alguma história curiosa ou engraçada ao longo desse trabalho?

Beth Ritto: As entrevistas com a diretoria e associados foram divertidas. O Seu Edson, por exemplo, é uma maravilha! Ele, contando como fez a música "Deixa isso pra lá", sucesso na voz do Jair Rodrigues e praticamente o nosso primeiro rap nacional, é encantador.

Houve algum assunto de que você tenha gostado mais?

Beth Ritto: O contexto histórico do direito de autor no mundo é fascinante.

Quais foram as dificuldades para fazer o livro?

Beth Ritto: Depois do formato aprovado pela direção da UBC, não houve grandes dificuldades. Poderia citar a falta de uma literatura especializada no tema.

Surgiu alguma informação reveladora ao longo do processo?

Beth Ritto: Para mim, várias informações foram reveladoras. Eu percebi que entendia pouco sobre o assunto.

Que atividades e eventos vão marcar a data?

Marisa Gandelman: Não estamos pensando em fazer eventos especificamente, por várias razões. A primeira e mais importante é o fato de que festas custam muito dinheiro e não ficam na memória, muita gente está lá sem saber exatamente por quê. Queremos oferecer de fato um documento histórico, que possa ajudar a contar a história do direito autoral no Brasil. Outra razão é o fato de que o livro não será vendido, portanto, não faz sentido promover um lançamento em livraria ou outro lugar aberto. Vamos nos reunir internamente na ocasião, para comemorar com os funcionários, mas não decidimos sobre eventos abertos aos associados e público em geral. Além disso, a gestão coletiva de direitos autorais vive momento crucial no Brasil e no resto do mundo. Nossa maior contribuição é, e continuará sendo, a reflexão a respeito do assunto e a procura de uma constante melhoria nos serviços que prestamos aos nossos associados. Viva o compositor brasileiro, o compositor estrangeiro, todos os autores do mundo! [Clique aqui](#)

PARABÉNS, DEPOIMENTOS DE TITULARES UBC



Salve pessoal na UBC! Parabéns pelos 70 anos de vida. Que essa idade, em vez de torná-la caduca e ultrapassada, traga modernidade, evolução com a experiência adquirida, transparência e ética. Coisas simples, mas de que o nosso país anda tão carente. Contamos com vocês! Parabéns e vida longa!

EVANDRO MESQUITA

Falo daquilo que experimentei pessoalmente: a UBC de hoje conseguiu, através de trabalho honesto e informação a seus associados, desmanchar por completo aquela velha imagem que nós, autores, compositores e intérpretes que começamos a carreira a partir dos anos 70, tínhamos das nossas sociedades. Cumpriu, com as recentes diretorias, seu dever de resgatar a credibilidade da arrecadação de nossos direitos; inovou e mostrou eficiência na defesa do que nos é devido; e democratizou o acesso àquilo que era uma impenetrável caixa-preta para a grande maioria dos associados. Essa é a nossa grande comemoração nesses 70 anos: podermos finalmente dizer que temos todos uma sociedade nossa e não de uma minoria privilegiada. Parabéns a nós então, pois somos todos UBC!

LUIZ CARLOS SÁ



Salve a UBC e sua luta incessante pelos autores musicais do Brasil. De Ary Barroso a Fernando Brant, de Humberto Teixeira e Braguinha a Abel Silva e Ronaldo Bastos, são os próprios autores quem zelam, há 70 anos, pelos direitos dos criadores de música no país. Viva o compositor brasileiro!

ALCEU VALENÇA



Quero parabenizar a UBC por completar 70 anos defendendo os direitos autorais dos brasileiros no Brasil e no exterior. Também espero chegar aos 70 anos, e cada vez mais dando trabalho para a UBC!

DOMENICO LANCELLOTTI

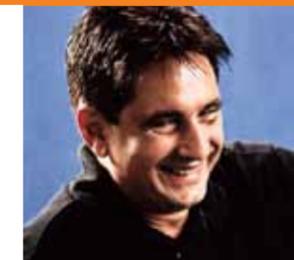


GISELE DE SANTI



Direito autoral é matéria delicada e ao mesmo tempo densa, como a música que só os grandes mestres são capazes de fazer. Para se concentrarem em suas criações, eles precisam estar tranquilos e com as energias concentradas na música, enquanto quem entende de direitos autorais lhes dá as condições necessárias para isso. É melhor quando cada um faz a sua parte, e a UBC está sempre na luta para fazer a sua pelos direitos dos compositores, músicos ou intérpretes. Parabéns, UBC, e seguimos juntos!

FERNANDO MOURA

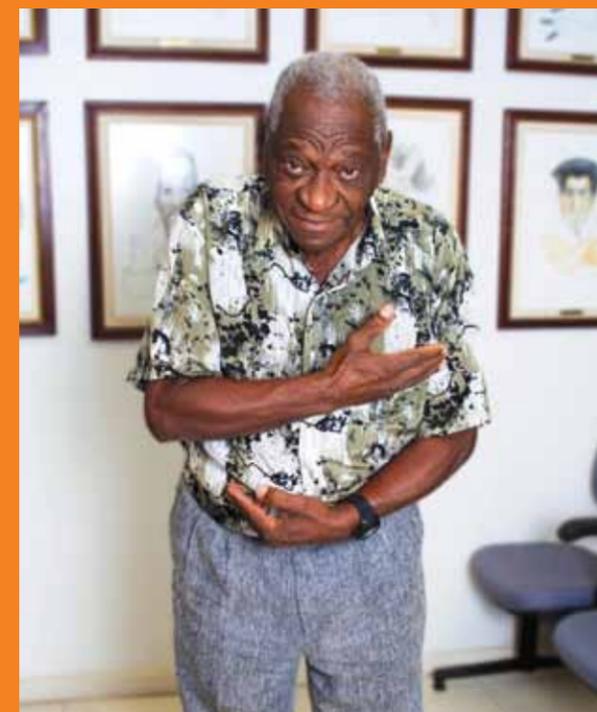


Eu entrei na UBC porque recebi ótimas referências de colegas compositores e pude comprovar que eram verdadeiras. Desejo vida longa à UBC na luta pelos direitos dos autores e que essa história perdure por muitos anos.

BYAFRA

Olá, queridos amigos, venho simplesmente agradecer aos parceiros da UBC pelo imenso cuidado e cumplicidade com minhas obras, o que me dá certa tranquilidade para continuar nessa arte árdua, mas prazerosa, de compor e levar, através da minha música, um pouco de acalanto a uma quantidade imensurável de pessoas. Obrigado. Parabéns por mais uma data especial e longevidade de forma que seus autores e parceiros continuem depositando credibilidade na UBC! Sem mais delongas... já é!!!

FRANCO LEVINE



Minha querida UBC, eu, como compositor brasileiro, tenho o orgulho de fazer parte dessa amada sociedade. Você nasceu, cresceu e ainda está colhendo bons frutos do passado, presente, e assim será no futuro. Parabéns a você por mais um aniversário!

EDEOR DE PAULA



Que a união faça a força e a gente possa continuar lutando pelos nossos direitos autorais. Parabéns, UBC.

MORAES MOREIRA



UMA ÁRVORE DE 70 ANOS, INCONTÁVEIS FRUTOS E NOVOS BROTOS

Entenda por que a UBC é intimamente ligada à história da luta por direitos autorais no país e caminha para ajudar a escrever as próximas décadas

Por Beth Ritto, do Rio

Era um dia de inverno no Rio de Janeiro, 22 de junho de 1942. Unido num sonho comum e alentado por décadas de uma luta frutífera, um grupo de ilustres criadores musicais plantava a semente da União Brasileira de Compositores, fazendo germinar ali uma nova fase na questão do direito autoral no Brasil. A posse da nova diretoria foi na Associação Brasileira de Imprensa, no Centro da então capital federal. Estavam lá Ary Barroso, um dos idealizadores da nova associação e seu primeiro presidente; Alberto Ribeiro, vice-presidente; Oswaldo Santiago e Benedito Lacerda, respectivamente tesoureiro e vice; Cristóvão de Alencar e Antônio Almeida, inspetor e vice; Erastóstenes Frazão e David Nasser, secretário e vice; além dos suplentes Haroldo Lobo, Saint-Clair Senna, Antônio Nássara e Braguinha.

Sem dúvida, um time de craques da música brasileira que, a partir daquela data, seria também reconhecido como artífice da, até hoje, maior e mais importante representação de defesa do direito autoral do compositor no país. Uma batalha com raízes anteriores e igualmente emblemáticas.

Já no início do século XX, Chiquinha Gonzaga, maestrina, compositora e transgressora numa sociedade em ebulição, mas ainda sumamente conservadora, deu um passo fundamental pelo fortalecimento do direito autoral no Brasil. Numa viagem ao exterior, ela encontrou várias de

suas obras editadas em Berlim sem seu conhecimento ou sua autorização. E concluiu: se estavam na Alemanha, poderiam muito bem estar também na França, na Itália, nos Estados Unidos... De volta ao Brasil, foi pedir explicações a Fred Figner, o profissional que vendera suas composições à editora alemã.

Figner era um empreendedor e, entre outras iniciativas, atribui-se-lhe a introdução da indústria fonográfica no Brasil em 1899. A maestrina enfrentou o empresário e conseguiu o pagamento de 15 contos de réis, uma soma considerável na época, pela edição de sua obra no exterior.

Sucessivamente, medidas individuais e a introdução de mudanças na legislação deram novo escopo aos cada vez mais vigorosos debates sobre a propriedade intelectual. E um dos símbolos disso foi a inserção, em 1916, de um capítulo no Código Civil que regulava o direito de autor sobre obras artísticas e científicas. O exemplo das primeiras associações francesas permanecia firme, atual e inspirador: sem a união da classe, a Justiça não daria conta.

Um ano depois do novo marco civil, em 1917, Chiquinha, Viriato Corrêa e Raul Pederneiras fundaram a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), que teve como primeiro presidente o escritor João do Rio. O teatro, na época, certamente gozava de maior prestígio que a música, e a iniciativa de união e regulação não agradou a grande parte de quem tinha o poder no mundo dos espetáculos. Alguns empresários combateram firmemente a associação com a alegação de que o teatro era deficitário e que já investiam muito nos artistas. Paschoal Segreto, dono de várias companhias e casas de espetáculo, chegou a abrir seus livros contábeis para justificar as dificuldades do setor frente às novas demandas da SBAT.

Três anos depois da sua fundação, na aurora dos ainda mais turbulentos anos 1920, a entidade ganhou uma importante chancela ao ser reconhecida pelo governo como entidade

de utilidade pública. A grande mudança de paradigma era, na verdade, simples: os representados pela sociedade e os autores não precisavam mais negociar diretamente com os empresários o pagamento dos direitos da obra. Unidos, tornaram-se muito mais fortes.

O reconhecimento da associação trouxe um novo sopro à classe e provocou o interesse de grupos que se mantinham afastados da causa. Em 1928, a SBAT apresentou ao Congresso Nacional uma nova proposta de regulamentação dos direitos dos autores que incluía a participação dos compositores populares. O redator do projeto aprovado pela Câmara foi o então deputado Getúlio Vargas.

A implantação e a disseminação do rádio no Brasil, nos anos 1920 - e, principalmente, a regulamentação da publicidade nesse novo meio, em 1931 - contribuíram para fortalecer ainda mais os compositores, na medida em que atraíram sobre eles os olhos e ouvidos das massas. A música ganhava cada vez mais espaço na programação das emissoras. Os programas de variedades com auditório juntavam gente de todas partes, a dramaturgia atingia novo status, e as radionovelas se tornavam sucesso de audiência. Os artistas populares rapidamente foram catapultados a ídolos de fãs devotos, incansáveis e animadíssimos.

Para acompanhar esse novo tempo e atender à demanda do veículo que distribuía conteúdo musical em quantidades surpreendentes, a SBAT criou, em 1928, o Departamento de Compositores e se preparou para apresentar a conta às emissoras. Foi uma confusão. As rádios fizeram greve e, durante três dias, o silêncio da programação só era quebrado por anúncios contra a decisão da SBAT. O texto ia direto ao ponto: "Contra o rude golpe desferido por uma entidade mercenária que visa a destruir as nobres iniciativas da radiofonia".

O governo interveio, e, aos poucos, as programações foram voltando ao normal. Mas sem que distribuidores e produtores

de conteúdo chegassem a um acordo. Vale lembrar que o barulho excessivo se devia unicamente à mudança de padrão dos compositores, cada vez mais ousados na defesa da sua obra. O valor cobrado pela associação, em si, era muito baixo.

Ao contrário da atividade teatral, limitada aos palcos, a música popular não tinha fronteiras para a sua propagação. Se isso era um ponto a favor, era também um problema para a arrecadação. O controle para a cobrança de direitos era muito difícil, e a SBAT não tinha estrutura para executar o trabalho de maneira satisfatória. Além disso, a associação ainda tinha como referência primordial o autor da obra dramática. O valor destinado ao autor pela execução da sua obra era pouco e mal dava para sobreviver. As queixas contra a administração da entidade se tornaram mais frequentes e derivaram na explosão de uma insatisfação coletiva.

Em 1937, os compositores se uniram para pedir explicações. A direção ignorou a importância do fato e resolveu a situação com a exclusão dos insatisfeitos. A SBAT ainda se via como uma representante dos autores teatrais prioritariamente.

Em 1938, os excluídos da SBAT e alguns solidários que haviam se desligado dela se uniram e fundaram a Associação Brasileira de Compositores e Autores (ABCA). A SBAT ainda tentou manter o seu prestígio e iniciou uma série de ações com o propósito de obrigar a nova associação a mudar seus estatutos e enfraquecê-la, reconquistando os compositores inclusive com ofertas de bons adiantamentos pelas suas canções.

Essa contra-ofensiva abalou a nova entidade, que, antes mesmo de conseguir uma estrutura mais firme, já sofria um esvaziamento. Mas sobrevivia. Em 1940, sob nova presidência, a SBAT decidiu rever as contas dos anos anteriores. Foi constatado um enorme desfalque no caixa e um prejuízo para os associados. A organização se enfraqueceu e já não foi capaz de manter um alto nível de atuação.

A experiência com a SBAT mostrou aos compositores ainda associados à ABCA que só unidos eles teriam condições de enfrentar a batalha pela arrecadação. Essa constatação contribuiu para uma nova tomada de posição da classe e se espalhou para os compositores que ainda integravam a sociedade de gênese teatral. Os debates sobre a necessidade de criar uma entidade exclusiva para os autores musicais se fortaleciam como nunca. Ary Barroso, chefe do Departamento de Compositores da SBAT, João de Barro e Oswaldo Santiago, da ABCA, eram dos mais ativos nas discussões.

Depois de muitos encontros e trocas de ideias, chegou-se a uma etapa marcante e simbólica. Aquele dia de inverno de 1942, quando surgiu a UBC, aqueceu a luta dos autores por seus direitos. Mas o processo estava só começando.

Com o passar do tempo, além de se dedicar à gestão coletiva dos direitos autorais, a nova sociedade começou a participar também de ações para divulgar a música brasileira. Por meio de um convênio com o então Ministério da Educação e Cultura, a associação promoveu, entre 1957 e 1964, as chamadas Caravanas UBC. O propósito era levar a nossa melhor música para apresentações no exterior. E com um elenco de primeira! Carimbaram passaporte para a Europa músicos do calibre de Humberto Teixeira, Sivuca, Trio Irakitan, Waldir Azevedo, Altamiro Carrilho, Radamés Gnattali, Ataulfo Alves, Edu da Gaita, Abel Ferreira e muitos outros.

Com uma proposta inovadora, firme no propósito de proteger o repertório dos associados e atenta aos mercados nacional e internacional, a UBC estabeleceu uma ponte definitiva com o exterior ao passar a fazer parte da Cisac, Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. O documento de filiação, marco de uma ligação que não parou de se aprofundar, foi assinado em 25 de março de 1946. Ao longo dos anos, o estatuto da Cisac, assim como o da UBC, sofreu várias transformações para se adaptar às demandas da classe e atender ao desenvolvimento e à evolução da produção musical, bem como às características de um mercado em permanente mudança.

Atenta aos acontecimentos e ao surgimento de novas mídias, em 1984 a UBC começou o processo de informatização da sua estrutura administrativa. A associação fez um acordo com a SUIISA, Sociedade Cooperativa de Autores e Editores de Música da Suíça, e deu um grande passo em relação ao reconhecimento internacional.

Já em 2010 se deu outro grande momento da parceria internacional: a UBC foi eleita para integrar o quadro diretivo da Cisac, formado por 20 sociedades das várias regiões do mundo (veja mais na página 26). Trata-se da conquista de uma plataforma a partir da qual a nossa entidade e as demais poderão pensar as próximas décadas da luta pela valorização do trabalho dos compositores no Brasil e no mundo.



Chiquinha Gonzaga

Marisa Gandelman e Sydney Sanches, diretora executiva e advogado da UBC, respectivamente, acompanham de perto as demandas do mercado e as mudanças ocorridas com a chegada das novas mídias. Para eles, o momento é de oportunidades. A nossa árvore dá novos e promissores brotos.

- O direito se renova, continua sendo um processo. O setor da música precisou amadurecer para entender como lidar com esse novo ambiente. Então, acho que o momento hoje é o momento das boas oportunidades. Acho que a década que se inicia vai ser a do retorno financeiro, enfim. O desespero da primeira década do terceiro milênio tem tudo para se traduzir em retorno econômico agora. O terreno é fértil para negócios, mas também fértil para as discussões, diz Sydney.

Marisa crê que a transformação sofrida pela UBC acompanha intimamente a tendência internacional:

- Temos acordos com as organizações congêneres do mundo inteiro e participamos de um grande grupo que é a Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores, a Cisac, que reúne duzentas e tantas associações de mais de 150 países, trabalhando com todo tipo de repertório. Criou-se um regime internacional, que é como se você fizesse um clube de que as pessoas vão espontaneamente participar, pois têm interesses em comum. A UBC hoje participa ativamente, com papel de liderança, do desenvolvimento de formatos de intercâmbio de dados, construção de bases de dados globais, porque é a única solução para fazer o negócio florescer no ambiente digital, de alcance global.

RAÍZES PROFUNDAS

No início do século XVIII, o direito autoral foi reformulado e deu origem ao *copyright* moderno. Desde 1557, a Inglaterra já tinha uma regulamentação da imprensa e atribuía um privilégio de exclusividade perpétuo aos membros da corporação de ofício de gráfico e livreiro (Stationers' Company). Mas o privilégio beneficiava os livreiros, não os autores.

Em 1709 o monopólio da corporação chegou ao fim, com o Estatuto da Rainha Ana. O documento é considerado o primeiro texto legislativo a organizar o tema e pôs fim à perpetuidade do privilégio de exclusividade de publicação das obras, além de eliminar a censura e o controle prévio. A nova regulamentação também fez do *copyright* um direito dos autores, não só dos editores.

Segundo o pensamento medieval, as ideias eram uma graça de Deus, e não uma propriedade do autor. O Iluminismo sedimentou, pelo menos em países como a França, a ideia do autor como um ente soberano, dono do seu trabalho, com a prerrogativa de decidir sobre sua vida e sua obra. A partir de então, o conceito da propriedade intelectual começou a ganhar forma e força, o que fez do criador um profissional com direitos reservados e protegidos, como outros trabalhadores. Em 1777, surgiu a Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques – SACD, primeira associação de gestão coletiva de direito autoral regida pelos próprios autores, na França.

Em 31 de Janeiro de 1851, nasceu a Société des Auters, Compositeurs et Editeurs de Musique (SACEM), destinada à cobrança do chamado "direito não dramático" (dos autores musicais).

A França e a Inglaterra tiveram grande influência no desenvolvimento do conceito de direito autoral por terem sido, nos séculos XVIII e XIX, os principais produtores e exportadores de bens culturais, sem contar outros processos políticos e sociais que viabilizaram o desenvolvimento do conceito de um direito que o autor tem sobre sua criação.

A inspiração dessas ideias pioneiras foi fundamental na luta de revolucionários como Chiquinha Gonzaga e os grandes que deram vida às sociedades de gestão coletiva no Brasil. 



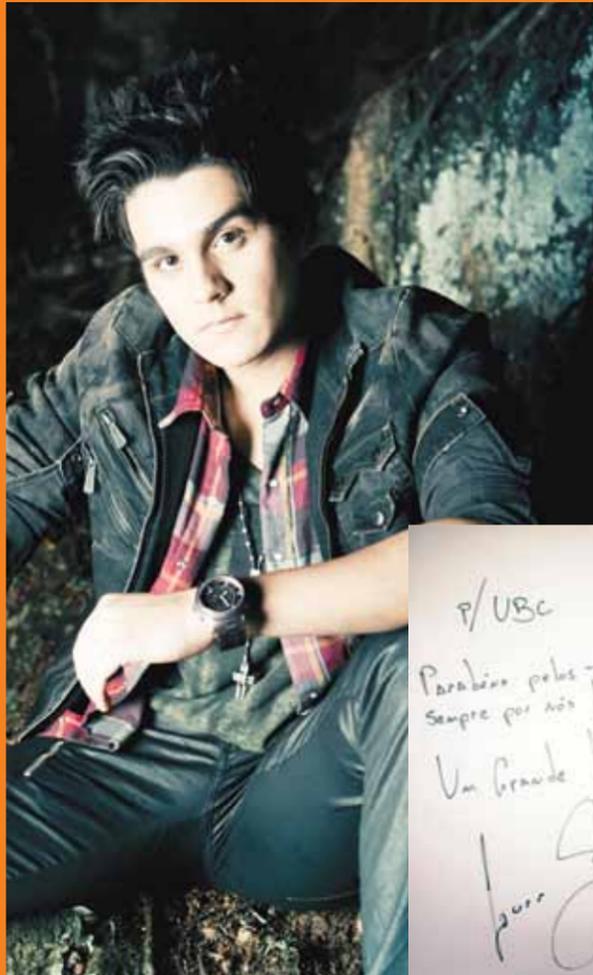
Esta foto faz parte do acervo histórico da UBC. Nela estão os artistas que participaram da primeira Caravana UBC para a divulgação da música brasileira no exterior: Guio de Moraes, Trio Yraquitã, Sivuca, Abel Ferreira, Pernambuco do Pandeiro, Dimas Sedicias, Trio: Edinho, João e Gilvam. Foto de Uriel Tavares.

PARABÉNS, DEPOIMENTOS DE TITULARES UBC



Parabéns, UBC, por passar a nós, artistas, tanta confiança e comprometimento com nossos direitos autorais. São 70 anos de muito sucesso!

BANDA CALCINHA PRETA



P/UBC
Parabéns pelos 70 anos lutando sempre por nós artistas.
Um Grande Abraço
Luan Santana

Parabéns pelos 70 anos lutando sempre por nós, artistas. Um grande abraço,

LUAN SANTANA



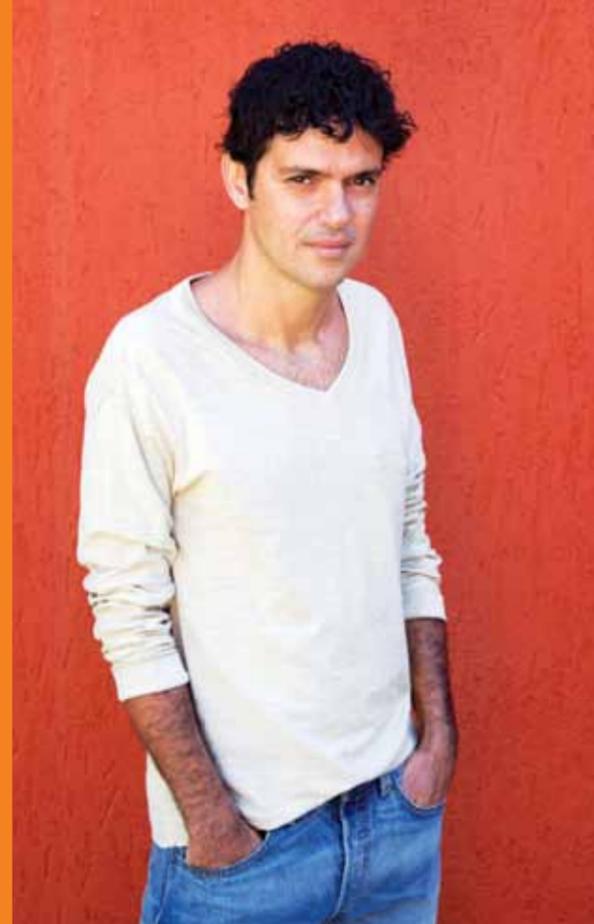
Tiago Lima

O meu viva hoje vai para a União Brasileira de Compositores. Parabéns pela data, pelo apoio e pela luta constante. Compor é uma arte que precisa ser respeitada.

CARLINHOS BROWN

É com alegria que recebo a notícia dos 70 anos da UBC. Na verdade, a nossa associação sempre demonstrou garra e juventude na liderança em defesa dos direitos autorais dos compositores brasileiros. Parabéns e a luta continua!

RAIMUNDO FAGNER



Quero parabenizar a UBC pelos 70 anos de existência, defendendo os direitos de toda a classe artística e trabalhando por um patrimônio cada vez mais valioso para a humanidade: a propriedade intelectual. Parabéns, UBC! Um grande abraço.

JORGE VERCILLO



Há alguns anos eu, particularmente, não conseguia acreditar na distribuição de direitos autorais no Brasil. Diversos foram os motivos que me levaram a essa total descrença. Mas, com todos os esforços praticados pelas entidades, em especial a UBC nos últimos anos, pude rever a impressão que tinha em relação a essas distribuições autorais. Parabenizo a todos da UBC, em nome do Roupas Nova, pelos seus 70 anos de existência e luta para garantir a nós, compositores, intérpretes e criadores da arte musical em geral, o direito que nos pertence.

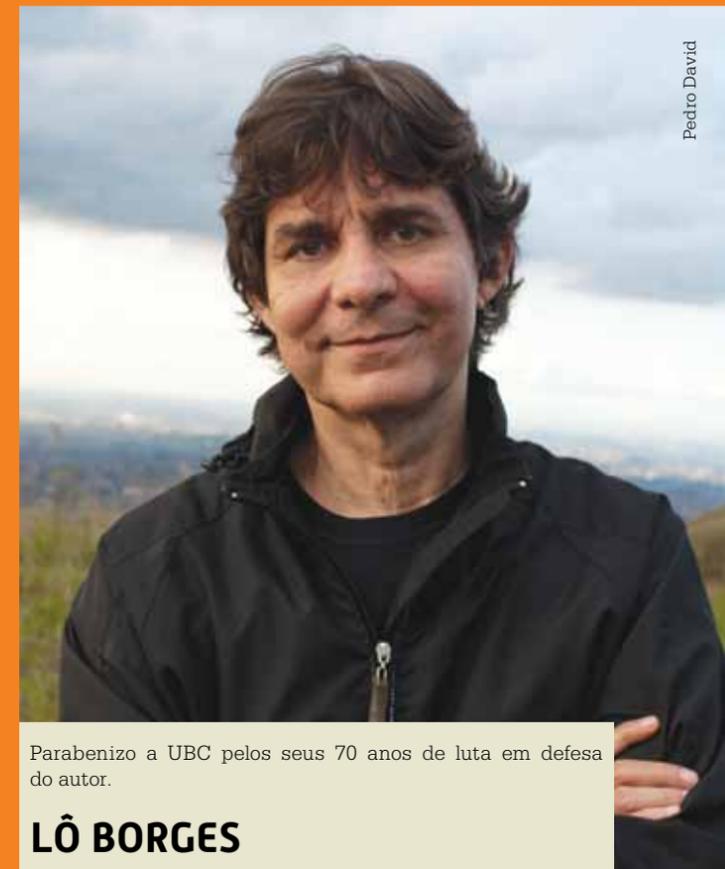
Enquanto muitos têm interesse em nos tirar esse direito, percebo o esforço árduo da UBC em garanti-lo. Parabéns, amigos! Seremos eternamente gratos por essa luta em nosso nome.

SERGINHO HERVAL



UBC, parabéns pelo profissionalismo e principalmente pela forma clara e positiva com que trata dos nossos assuntos. Dani e Alana (da filial da UBC no Rio Grande do Sul), a simpatia, presteza e a amizade de vocês nos envolve e nos faz querer fazer parte desta União! Beijos.

DUCA LEINDECKER



Pedro David

Parabenizo a UBC pelos seus 70 anos de luta em defesa do autor.

LÔ BORGES

LINHA DO TEMPO UBC

DESDE 1942, OS PRINCIPAIS MOMENTOS QUE MARCARAM NOSSA HISTÓRIA

1942 Fundação da UBC, em 22 de junho.

1945

É firmado o contrato da UBC com a **ASCAP** (American Society of Composers, Authors and Publishers).

Bidu Sayão grava com Villa-Lobos em Nova York as "**Bachianas n.º 5**".

1946 A UBC ingressa na **CISAC** (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores), em 25 de março.

1947 A UBC pela primeira vez comparece a um congresso internacional.

1955 É promulgada em 9 de fevereiro a lei que estipula que a outorga da licença para execução pública e radiodifusão compete exclusivamente ao autor ou à sociedade legalmente constituída para este fim, à qual o autor está afiliado.

1957 Ano em que começa o movimento que dura até 1964 e vai permitir a divulgação internacional da música brasileira. São as caravanas da UBC, conduzidas por **Humberto Teixeira**, que conseguiu aprovar no Congresso Nacional em 1958 a lei com seu nome que levantou recursos do Ministério da Educação e Cultura para este fim.

1958

O disco de **Elizeth Cardoso** "Canção do Amor Demais", com a primeira gravação de "Chega de Saudade" (Tom e Vinicius) e participação de João Gilberto, inaugura fonograficamente a bossa nova.

No mesmo ano, **João Gilberto** lança a sua gravação de "Chega de Saudade", com seu jeito de cantar que marcou o gênero.

1962 Ano do concerto de bossa nova no Carnegie Hall, em Nova York, que entra para a história como uma consagração internacional.

1964

Em "Nara", seu primeiro LP, além de bossa nova, **Nara Leão** grava sambas de Zé Kéti, Hortênsio Rocha, Nelson Cavaquinho, Amâncio Cardoso, Cartola e Elton Medeiros.

1965 Aquisição do prédio que é sede atual da UBC.

Maria Bethânia substitui Nara Leão no espetáculo "**Opinião**", que revelou a cantora baiana e se tornou um marco de contestação do regime militar.

Roberto Carlos estreia o programa de TV "Jovem guarda", em setembro, ao lado de **Erasmus Carlos** e **Wanderléa**, levando o sucesso do iê-iê-iê para a telinha.

Elis Regina vence o **Festival de Música Popular Brasileira** da TV Record com "Arrastão" (Vinicius e Edu Lobo).

1966 "A Banda", de **Chico Buarque**, na voz de Nara Leão, divide o primeiro lugar do Festival da TV Record com "Disparada", de **Geraldo Vandré**, interpretada por Jair Rodrigues.

A UBC, que, além de representar, já era representada em mais de 30 países, assina contrato com a BMI (sociedade americana concorrente da ASCAP) e passa a ter as duas representações nos EUA.

Surgem **Os Mutantes**, grupo formado por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias.

1967

Caetano Veloso e **Gilberto Gil** são vaiados no III Festival da Música Popular Brasileira da TV Record, em outubro, em sinal de protesto político contra as guitarras elétricas e o universo roqueiro.

O Boletim Social da UBC publica o caso de inadimplência do I Festival da Canção.

1968

Lançamento do disco "**Tropicália ou Panis et Circensis**".

No III Festival Internacional da Canção da TV Globo, "**Sabiá**" (Tom e Chico Buarque) é a vencedora, mas o público vaia o resultado: a torcida era para Geraldo Vandré, com "**Pra Não Dizer que Não Falei das Flores**", vice-campeã.

1970 Chico Buarque compõe "**Apesar de Você**", que vai entrar para a história como um símbolo das canções de protesto contra a ditadura militar.

Tim Maia grava seu primeiro disco, que leva seu nome.

Paulinho da Viola lança "**Foi um Rio que Passou em Minha vida**".

1972 É gravado o LP "**Clube da Esquina**". O movimento musical que leva o mesmo nome abrange músicos como Milton Nascimento, os irmãos Borges (Marilton, Márcio e Lô), Tavinho Moura, Wagner Tiso, Milton Nascimento, Beto Guedes, Toninho Horta, Ronaldo Bastos, Fernando Brant e os integrantes do grupo **14 Bis**.

Os Novos Baianos lançam "**Acabou Chorare**".

1973

Ano da Lei 5.988/73, que entra em vigor em 1974: a **nova lei de direito autoral** institui o CNDA (Conselho Nacional de Direito Autoral) e o ECA (Escritório Central de Arrecadação).

Jorge Ben Jor consegue uma vitória na Justiça que protege seus direitos sobre "**Fio Maravilha**", reivindicados pelo jogador de futebol que dá nome à música e seu advogado.

É lançada "**Uma Vida Só**" ("Pare de Tomar a Pílula"), de Odair José, um dos símbolos, assim como Benito de Paula, Waldick Soriano, Márcio Greik, Wando e Fernando Mendes, de uma vertente da música popular conhecida como brega.

1976 Turnê nacional que gera o álbum dos **Doces Bárbaros**, formado por Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa.

1981 Após denúncia feita pelo associado, fundador da casa e diretor tesoureiro **Roberto Martins**, foi instaurada uma intervenção na UBC. Da Assembléia Geral Extraordinária de março, sai a ata com o relatório completo da intervenção do CNDA na UBC.

O grupo **Gang 90 & As Absurdettes** apresenta no Festival MPB Shell "Perdidos na Selva", e surge o **BRrock**, movimento de rock nacional que inclui bandas como Titãs, RPM, Ultraje a Rigor, Legião Urbana, Blitz, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso e Engenheiros do Hawaii, além de nomes egressos do Vimana, como Lobão e Lulu Santos.

1984

Surge a banda brasileira de metal **Sepultura**.

1985

É implantado um sistema de informatização na UBC.

1987

Na eleição de uma mulher, Vanisa Santiago, para a presidência da UBC, um titular se manifesta sobre a candidatura feminina antes da apuração dos votos, conforme consta da ata: "**O Sr. Villarinho declarou não lhe agradar o fato de a sociedade poder vir a ser presidida por uma mulher**".

1989 **Morre Raul Seixas.**

O sertanejo, o pagode e a axé music viram a década com grande popularidade, ocupando espaço nas rádios e na TV.

1990 Começa a década em que o **funk carioca** e o **hip hop** se popularizam.

1991 Em decorrência do **plano Collor**, a UBC precisa cortar custos administrativos e de pessoal para enfrentar a crise até diminuir em 30% as despesas gerais.

1994 É lançado o primeiro disco de Chico Science & Nação Zumbi, "Da Lama Ao Caos", e surge o movimento **Manguê Beat**.

1995 A Câmara dos Deputados realizou a **CPI do Ecad**, que em seu relatório final pedia o indiciamento de diversos diretores de associações, inclusive do então presidente da UBC, José Antonio Perdomo, e a extinção do Ecad. Após as investigações do Ministério Público e demais órgãos competentes, as denúncias propostas no relatório foram comprovadas descabidas e infundadas.

1998 A presidência sanciona, em 19 de fevereiro, a Lei 9.610/98, sobre direitos autorais.

1999 O **estatuto da UBC** é modificado, alterando o período do mandato da diretoria para quatro anos. A UBC ganha sua página na internet.

2004 **Acervo da UBC** com caricaturas de nomes da música feitas por Lan ganha exposição no Centro Cultural dos Correios.

2005 UBC reúne em cerimônia seus associados com 50 anos de filiação à entidade.

2006 Morre Braguinha.

2010 É lançada "**Quarto de Dormir**", de Arnaldo Antunes e Marcelo Jeneci, que ganha grande popularidade nos anos seguintes.

2011 O Senado realiza nova CPI do Ecad.

Ascensão de Rômulo Fróes, Lulina, Blubell, Curumin, Anelis Assumpção e Céu, integrantes da cena musical de São Paulo.

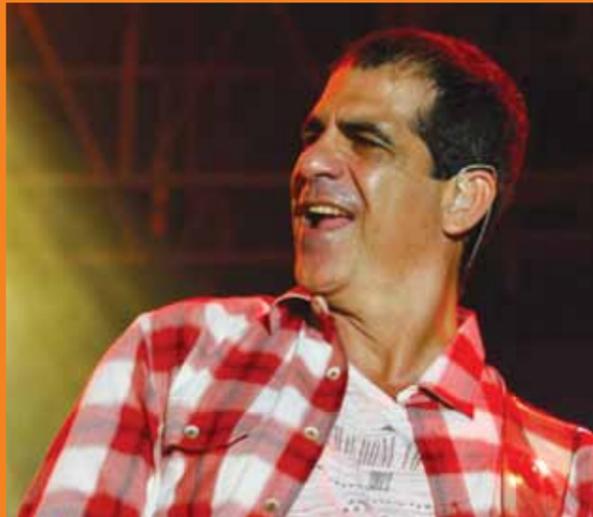
2012 A UBC completa **70 anos**.

PARABÉNS, DEPOIMENTOS DE TITULARES UBC



Parabéns à UBC pelos seus 70 anos de muito trabalho e de muitas conquistas. Sem dúvida nenhuma, o maior reconhecimento da nossa arte como compositores vem de vocês. Um forte abraço e um muito obrigado a toda a equipe da UBC. Estamos juntos!

RAMON CRUZ



Parabéns, UBC, por cuidar, durante esses 70 anos, dos nossos direitos com tanta seriedade, dedicação e comprometimento.

DURVAL LELYS



ALVIN L

Para nós, associados da UBC, é uma honra muito grande comemorarmos essa data histórica dos 70 anos... Por todos os nossos colegas, de todas as matizes e estilos, pelos nobres antecessores, que por tantas décadas de lutas dignificam o trabalho de toda uma categoria, levamos adiante nossas convicções...A UBC é de todos nós !

GUILHERME ARANTES

Felicitações a UBC por seus 70 anos ao lado do compositor brasileiro. Dimitri Ceruo

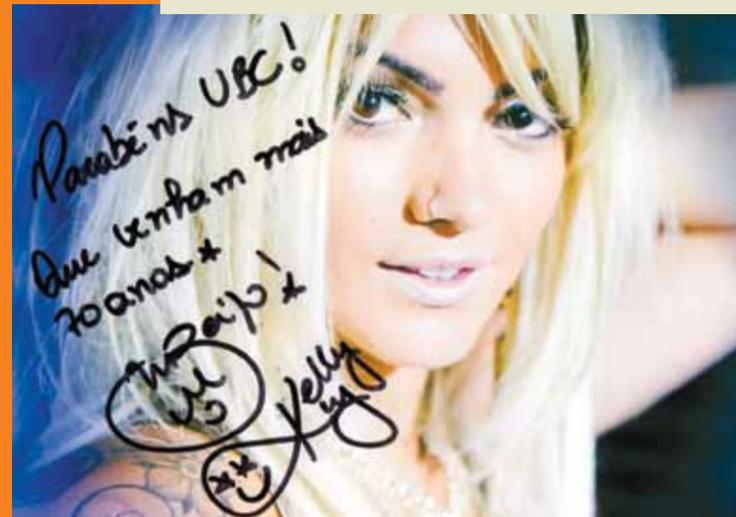
VI. I *poco a poco cresc.*

VI. II *poco a poco cresc.*

Felicitações à UBC por seus 70 anos ao lado do compositor brasileiro.

DIMITRI CERVO

KELLY KEY



Parabéns à UBC pelos seus 70 anos e, principalmente, pelas lutas e pelas vitórias em prol dos autores e do direito autoral. Me orgulho muito de fazer parte há tantos anos dessa sociedade, pois acredito na sua força e na capacidade das pessoas que a dirigem. Com certeza, avançaremos muito e muito mais.

ELIAS MUNIZ



Strella Couto

Parabéns, UBC! São 70 anos de competência, seriedade e muita sensibilidade. Obrigada por cuidar tão bem da nossa arte! Beijos.

NÚRIA MALLENA



Sempre fui associado à UBC, desde o começo da minha carreira, nos Inimigos do Rei. E até hoje tenho a segurança de que, todo final do mês, meus direitos autorais pagam as contas de minha família. Sinto também o carinho com que a UBC trata seus compositores, respondendo sempre às minhas solicitações. Parabéns, UBC, continuamos juntos!

PAULINHO MOSKA

Parabéns, UBC, pelos 70 anos e obrigado por cuidar da nossa arte com arte.

LUIS KIARI

Já tendo, no passado, pertencido a outras sociedades, posso dizer que a UBC se destaca tanto pela sua competência quanto pela sua militância em favor dos direitos dos autores, em época em que esses direitos se encontram sob fogo cruzado. Parabéns, UBC!

ANTONIO CÍCERO



Parabéns, UBC, pelos 70 anos trabalhando ao lado e em benefício do compositor brasileiro! Tenho muito orgulho de fazer parte desta história!

MAURICIO MANIERI

CHÃO DE ESTRELAS

A UBC FAZ SETE DÉCADAS E PRESTA UMA JUSTA HOMENAGEM A ALGUNS DOS SEUS MAIS ANTIGOS ASSOCIADOS. CONHEÇA UM POUQUINHO SOBRE BAMBAS ILUSTRES QUE VÊM NOS AJUDANDO A TRILHAR UM BEM-SUCEDIDO CAMINHO NA GESTÃO COLETIVA



SEVERINO ARAÚJO

UBC DESDE :
1º DE JANEIRO DE 1945

"Um Chorinho em Aldeia", o seu primeiro grande sucesso popular, foi composto em 1943, quando Araújo, então com 26 anos, servia o Exército em Aldeia, cidade de Pernambuco. No ano que se filiou à UBC, já morava no Rio de Janeiro, formalmente contratado da Rádio Tupi e promovendo shows com a Orquestra Tabajara.



ALTAMIRO CARRILHO

UBC DESDE :
22 DE MAIO DE 1948

Flautista virtuoso, já gravou mais de 100 discos, compôs mais de 200 canções e se apresentou em mais de 40 países difundindo o choro brasileiro. Sua mãe, Lyra, tem esse nome porque o avô de Altamiro, apaixonado por música, a batizou com nome de instrumento musical e criou a banda Lira de Orion, na qual o jovem Altamiro, então com apenas 14 anos, já tocava caixa de guerra.

HAROLDO COSTA

UBC DESDE :
11 DE ABRIL 1954

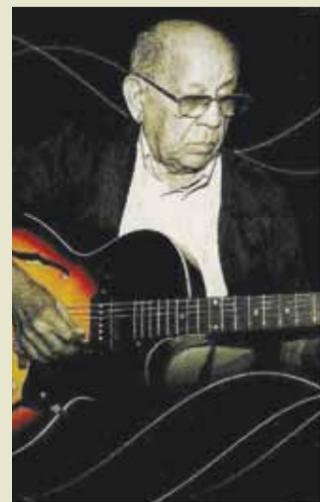
Ele já foi Jesus Cristo na montagem teatral de "O Auto do Compadecida", de Ariano Suassuna. Na literatura, publicou sete livros. No cinema, atuou em quatro longas. Na TV, participou de quatro novelas e uma minissérie... Mas foi como produtor que Haroldo Costa marcou seu nome na cultura brasileira: na década de 60, produziu dezenas de espetáculos essencialmente verde-e-amarelos.



EDSON MENEZES

UBC DESDE :
24 DE AGOSTO DE 1955

Elza Soares, Beth Carvalho, Jair Rodrigues, Elis Regina, Wilson Simonal... Não são poucos os bambas que gravaram músicas do craque Edson Menezes, outro dos mais antigos associados à UBC. Ao lado do seu mais conhecido sucesso, "Deixa Isso Pra Lá", parceria com Alberto Paz, o baiano entregou ao cancionista nacional pérolas como "Fala Baixinho" (gravada por Elza em 1961), "Ziguezague" (com inúmeras regravações), "O Galo Cantou" e "Moinho da Bahia Queimou". Engajado na luta pelos direitos de autor, foi integrante da diretoria da UBC e hoje faz parte do Conselho Fiscal da entidade.



ZÉ MENEZES

UBC DESDE :
1º DE SETEMBRO DE 1952

José Menezes de França é o instrumentista cearense que, aos 91 anos, ainda compõe do alto da Serra Fluminense. Ele vive em Guapimirim, bem longe da sua Jardins natal, de onde saiu pela primeira vez aos 8 anos, convidado pelo maestro Arlindo Cruz, para se apresentar em Juazeiro. Nos anos 1979, quando integrou a orquestra responsável pela trilha sonora de programas de auditório e entretenimento da Rede Globo, Zé Menezes compôs o célebre tema de abertura de "Os Trapalhões", até hoje na cabeça de gerações de brasileiros.



TITO MADI

UBC DESDE :
30 DE AGOSTO DE 1957

Quando "Chove Lá Fora" - composição que data do mesmo ano de adesão de Chauki Maddi à UBC - ganhou uma versão em inglês, o compositor paulista não imaginava que seu passaporte para o mercado internacional estava carimbado. "It's Raining Outside" foi regravada pelo grupo norte-americano Della Reese & The Platters, e daí vieram convites para uma série de shows fora do Brasil.



IVALDO GOUVEIA

UBC DESDE :
12 DE OUTUBRO DE 1958

Autor de mais de mil músicas - devidamente registradas na UBC -, começou tocando em bares de Foteleza mas, de tão notável, logo foi honrado com o primeiro lugar no programa de calouros da Ceará Rádio Clube. Depois da primeira premiação, vieram outras seis. Integrou diversos grupos populares e teve canções suas gravadas por medalhões igualmente talentosos, como Angela Maria, Ana Carolina e Cris Braun.



VIRGINIA LANE

UBC DESDE :
30 DE AGOSTO DE 1962

Ela já participou de mais de 37 filmes e, recentemente, esteve no ar junto a outras vedetes na Rede Globo, atuando na novela "Belíssima". Contudo, a década de 40, quando foi batizada por Getúlio Vargas como "A Vedete do Brasil", pode ser a apontada como a mais importante de sua carreira - e também de sua vida pessoal, já que manteve um relacionamento de dez anos com o presidente.

GRACINDO JUNIOR

UBC DESDE :
13 DE JUNHO DE 1963

Ativista na luta por direitos autorais, Epaminondas Xavier Gracindo comprou briga com o Sistema Brasileira de Televisão (SBT), ao lado de Maitê Proença e outros medalhões, pela não arrecadação de "Dona Beija", reexibida em 2009. Célebre ator de telenovelas brasileiras, pouca gente lembra que ele também já atuou como diretor: em 1979, integrou as equipes de direção de "Marrom Glacê" e "Memórias do Amor".



ZUZUCA DO SALGUEIRO

UBC DESDE :
29 DE DEZEMBRO DE 1967

Depois de servir o Exército, trabalhou como mecânico na Tijuca, bairro carioca que escolheu para se instalar. Foi nas rodas de samba que o capixaba conheceu Jair do Cavaquinho, Darcy, Pelado, Anescarzinho, Velha, Zito Baianinho, Wilson Oliveira e Gracia, seus parceiros no grupo Os Cinco Só que, mais tarde, atuariam como companheiros na agremiação que lhe tornou célebre.



GERALDO VANDRÉ

UBC DESDE :
12 DE JUNHO DE 1967

Geraldo Pedrosa de Araújo ficou marcado pelo episódio histórico de 1968, quando um Maracanãzinho lotado cantou, em uníssono, "Pra Não Dizer que Não Falei das Flores", em protesto à vitória de Chico Buarque e Tom Jobim com "Sabiá". Treze anos antes, recém-chegado a São Paulo, o paraibano circulava muito pela noite - primeiramente como boêmio, depois como nome atuante no circuito de shows.



ARIANO SUASSUNA

UBC DESDE :
12 DE FEVEREIRO DE 1969

Artista prodígio, criou, ainda adolescente, com Hermilio Borba Filho, o Teatro do Estudante Pernambucano, onde encenou "Cantam as Harpas de Sião" e "Os Homens de Barro". Formado em Direito em 1950, coordenou as carreiras de advogado e autor teatral. "O Auto da Compadecida" - "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro", segundo o teatrólogo Sabato Magaldi -- foi, inclusive, composto neste período.





A MÚSICA É SUA, A TECNOLOGIA É NOSSA

**UM GLOSSÁRIO DE SIGLAS E NOMES QUE FAZEM PARTE DA NOSSA
ESTRATÉGIA TECNOLÓGICA PARA CONTINUAR A INOVAR EM GESTÃO
COLETIVA PELOS PRÓXIMOS 70 ANOS**

O momento de criação é sagrado. Um compositor dedilha um arranjo, um letrista redige um poema, e eis que a próxima grande obra da música popular brasileira pode, sem querer, ter nascido. Para que esse momento se traduza em merecida recompensa financeira, nos últimos 70 anos, a UBC, pioneira na gestão coletiva de direitos autorais de música, tem inovado no desenvolvimento e na adoção de modernos sistemas de distribuição de direitos. E trabalha com uma verdadeira sopa de letrinhas tecnológica para assegurar as próximas sete décadas (e muitas mais) de eficiência na gestão coletiva.

Para artistas de primeira viagem, a quantidade de nomes e siglas envolvidos nas trocas de informações entre o nosso banco de dados e os de entidades de todo o planeta pode ser difícil de decifrar. Por isso nós apresentamos um pequeno glossário de um mundo feito de sistemas pensados para permitir a você, compositor, preocupar-se apenas com a parte mais importante disso tudo: criar.

A primeira das muitas siglas com que o novo filiado à UBC vai se deparar é IPI, um número pessoal global do artista, que é um padrão ISO (Organização Internacional de Padronização). Este número permite que os compositores brasileiros sejam identificados mundo afora. Quem explica é Fabio Geovane, gerente de operações da UBC:

"Aqui no Brasil, a obra, que é feita de letra e música (na maior parte das vezes), é lida por um sistema de *fingerprint* (impressão digital), que a reconhece e permite uma distribuição mais eficiente pela execução pública", ele diz. "No resto do mundo, trabalhamos com diferentes sociedades representantes, e cada uma delas tem seus meios de fazer esse monitoramento".

Quando esse rastreamento acusa uma execução, como a UBC sabe quem deve ganhar o quê? "Quando o autor (que já tem o seu IPI) registra sua obra em nossa base de dados, esta recebe um código internacional chamado ISWC e pode ser acessada no mundo todo através da plataforma Cisnet. Assim, a obra musical fica ligada ao IPI de quem a criou", continua Geovane.

A fim de que essa grande engrenagem funcione, é fundamental contar com parceiros espalhados pelo planeta. Para trocar dados sobre obras, titulares e percentuais de participação, a UBC utiliza o formato CWR. Quando a execução é identificada, e a sociedade estrangeira quer enviar os valores para cá, usa-se o CRD. Já os dados sobre obras incluídas em seriados, filmes etc. são compartilhados em outro formato, o AVR.

Ficou confuso? Pois saiba que existe um sistema bem mais simples destinado a pequenas editoras, o Scoe, que pode ser usado em comodato. Nele, os dados são cadastrados internamente, e um arquivo é exportado eletronicamente para a UBC contendo as informações sobre as obras e os titulares envolvidos, bem como os percentuais de participação.

São tantos os processos, mas ainda há o que fazer. Além de participar dos estudos (por meio da Cisac) para a implantação da base de dados global GRD, que apresentamos na última edição da revista, a UBC vai além. Fabio Geovane conta:

"Somos capazes de compartilhar informações sobre músicas usadas em obras audiovisuais, mas ainda não temos um sistema para identificá-las eletronicamente. Isso é feito por meio de mão de obra humana: filmes, seriados, telejornais, novelas, ou seja, toda a programação de TV é gravada para, depois, ser assistida. Estamos estudando a viabilidade de criar um sistema que faça isso logicamente", revela o gerente de operações da UBC, que calcula: dentro de cinco anos, passados todos os processos de avaliação, um novo software, ainda mais inteligente e universal, estará entre nós.



GLOSSÁRIO DE SIGLAS

IPI - Espécie de "CPF" do autor. É um número ISO (ou seja, da Organização Internacional de Padronização) que identifica compositores, versionistas e editores no mundo inteiro.

Fingerprint - Tecnologia de reconhecimento sonoro. Essa tecnologia é utilizada pelo *software* ECADTEC CIA Rádio, desenvolvido pelo Ecad em parceria com a PUC-RJ.

ISWC - International Standard Musical Work Code (ou Código Internacional da Obra Musical, em tradução livre), que ajuda a individualizar uma obra musical no mundo todo. Também é um padrão ISO.

Cisnet - Portal que agrega as bases de dados das sociedades de gestão coletiva de todo o mundo, onde é possível pesquisar informações sobre autores e suas obras.

CWR - Common Work Registration, ou Registro Comum de Obra Musical, em tradução livre, é um formato de intercâmbio de dados que permite enviar eletronicamente detalhes sobre a obra musical e os percentuais de participação dos titulares envolvidos.

AVR - Audiovisual Registration, ou Registro Audiovisual, é o formato de intercâmbio de dados de obras utilizadas em projetos audiovisuais, como filmes, séries de TV e até comerciais. Traz informações como título e nome do diretor do trabalho audiovisual, tempo de duração, títulos das obras musicais, nomes dos titulares envolvidos e seus percentuais de participação.

GRD - Global Repertoire Database, ou Base de Dados Global de Repertório, um sistema universal atualmente em estudos de implantação que propiciará um novo nível de troca de dados entre as sociedades ao redor do mundo. Ambicioso, o projeto quer criar uma base internacional à qual os interessados, sejam eles filiados ou não, possam ter acesso remotamente. Fazem parte do grupo de trabalho empresas como Google, Apple, EMI Music Publishing e Universal Music Publishing, além de sociedades de gestão coletiva através da Cisac. Veja mais em <http://www.ubc.org.br/news/2011-10-05.html>

SCOE - Software criado pela UBC para editoras de música. Os dados são cadastrados internamente, e um arquivo é exportado para a UBC contendo as informações sobre as obras e os titulares envolvidos, bem como os percentuais de participação.

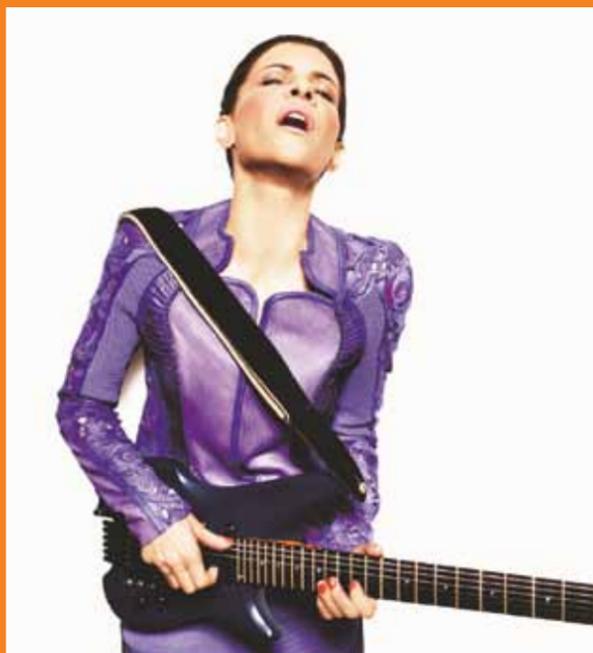
CRD - Common Royalty Distribution – formato de intercâmbio de informações sobre as distribuições de direitos autorais entre sociedades. Quando a execução é identificada e a sociedade estrangeira quer enviar os valores para cá, utilizamos o CRD para identificar quem recebe o quê. 

PARABÉNS, DEPOIMENTOS DE TITULARES UBC



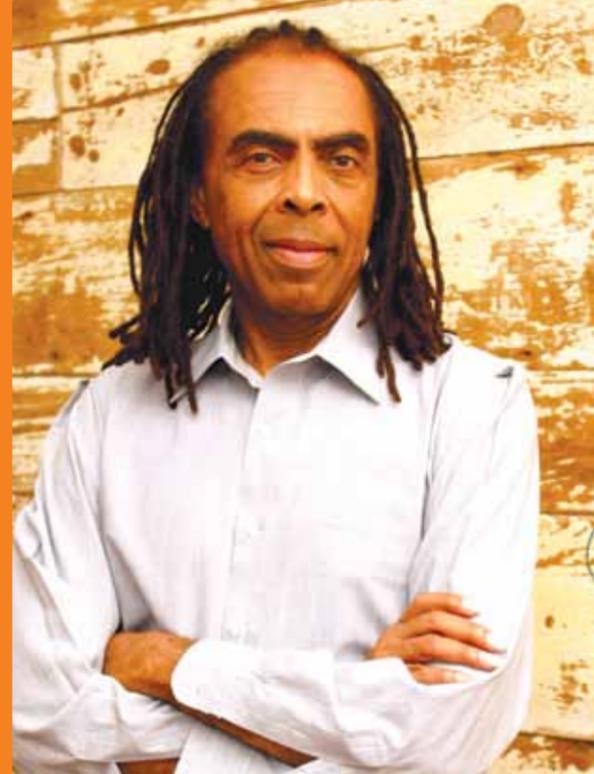
A minha obra "Eu Quero Tchu Eu Quero Tcha" começou a fazer sucesso no mundo todo, e tenho confiança que a UBC, com sua atuação internacional, vai me representar muito bem no Brasil e no exterior. Desejo muito sucesso à nossa casa, a casa dos compositores. Parabéns pela credibilidade que vocês passam para os compositores, parabéns pelos 70 anos!

SHYLTON FERNANDES



Quero dar os meus parabéns pelos 70 anos da UBC. Essa organização zela há tantos anos por nós, autores, que é motivo de comemoração mesmo poder contar com vocês do nosso lado esse tempo todo. E sempre com gente amiga e próxima cuidando de tudo. Valeu!

MARINA LIMA



GILBERTO GIL

*Parabéns
pelos
70.
Gilberto Gil*



BANDA CHIMARRUTS



Célia Santos

Parabéns e obrigada por toda dedicação aos compositores nesses 70 anos. Sucesso sempre!

DANIELA MERCURY

Valeu, UBC! Parabéns pelos 70 anos! Continuo me sentindo protegido, respeitado e bem representado por vocês. Um grande abraço e obrigado.

ARNALDO ANTUNES

JEANN & JULIO



Parabéns, UBC! Sua fidelidade e compromisso com os compositores nos traz uma segurança em saber que estão sempre lutando pelos nossos direitos. Um grande abraço a todos da UBC.

CLÁUDIO ZOLI



ALEXANDRE PEIXE



Fico feliz em fazer parte da UBC. Fico feliz em estar junto aos meus amigos e colegas compositores nessa eterna luta.

LEO HENKIN

Na foto está o presidente da Ascap – sociedade de autores americana, Mr. Deems Taylor – assinando o contrato de representação com a UBC, com o nosso delegado nos Estados Unidos, Mr. Wallace Downey. 1945.



O MUNDO É O LIMITE

HÁ 70 ANOS A UBC TEM FORTE ATUAÇÃO INTERNACIONAL, COROADA PELA RECENTE ELEIÇÃO PARA O QUADRO DIRETIVO DA

A música brasileira desconhece fronteiras. Expressão mais bem acabada da nossa cultura, ela viaja - e é apreciada - pelos quatro cantos do planeta. A fim de que os nossos criadores usufruam dos lucros pela execução de suas obras em outros países, a UBC mantém sempre as "antenas" ligadas e apontadas para toda parte. Por meio de parcerias com sociedades estrangeiras e, sobretudo, levando nossas ideias e soluções a fóruns multilaterais como os promovidos pela Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (Cisac), de cujo quadro diretivo fazemos parte desde 2010, fortalecemos uma atuação internacional que sempre esteve inscrita em nosso DNA.

Ainda no final da década de 30, a ABCA (Associação Brasileira de Compositores e Autores), fundada em 1938 e espécie de embrião da UBC, já estabeleceu suas primeiras parcerias para apurar os ganhos de artistas brasileiros na Europa e nos Estados Unidos. Quando membros do então departamento musical da Sbat (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) e da ABCA decidiram somar forças e, em 1942, fundar a UBC, a assinatura de novos contratos com entidades representativas de criadores mundo afora ganhou novo ímpeto.

Um definitivo marco nessa fase foi a entrada, em 25 de março de 1946, para a Cisac. Menos de dois meses depois, a UBC foi coanfitriã, ao lado da Sbat, da reunião que criaria, no Rio, o Conselho Pan-Americano da Cisac, auspiciado ainda por outras importantes entidades, como a americana Ascap, a argentina Sadaic, a uruguaia Agadu e a chilena Satch (hoje SCD). Esse conselho, para o qual Oswaldo Santiago foi eleito presidente em 1952, viria a se tornar o atual Comitê da América Latina e Caribe.

Ao longo dessas décadas, o foco em parcerias globais nunca arrefeceu. Em 1984, já sob a égide de um mundo em constante informatização, a UBC adotou seus primeiros sistemas digitais, em parceria com a suíça Suisa. Em 1985,

foi uma das artífices do Grupo de Trabalho Cisac para a América Latina e, desde então, tem participado de cada vez mais comissões. A eleição para uma das 20 vagas da mesa diretora da entidade coroa o reconhecimento estrangeiro à nossa atuação, como explica Marisa Gandelman, diretora-executiva da UBC.

"A Cisac reúne as associações de autores de todo o mundo, de todos os tipos de repertório. Os princípios, normas e regras com as quais todos concordam são determinados pela Cisac, não de cima para baixo, mas como resultado da participação de todos", diz a executiva, que fala sobre um importante grupo técnico de que a nossa sociedade participa no organismo internacional: "A UBC tem uma cadeira no corpo de supervisão do projeto CIS (Common Information System), uma rede de informação contendo metadados das obras administradas por cada uma das sociedades. Essa rede é utilizada para que todos possam publicar os dados do repertório sob sua responsabilidade e, assim, saber como distribuir os valores recolhidos. Nesse grupo são definidos ainda formatos comuns de intercâmbio de dados para a prestação de contas das distribuições".

Com papel de liderança em diversos comitês do organismo, a mais antiga sociedade de autores em atividade no país aposta numa atuação em duas frentes paralelas: no fortalecimento de sistemas globais, que possam ser entendidos e usados por todas as sociedades, e num papel ativo, como desenvolvedora de tecnologias próprias. "É certo que caminhamos para soluções globais. No entanto, para garantir autonomia, é preciso ter uma ótima solução caseira, capaz de conversar com as demais sem desaparecer ou ser esquecido", prega Marisa. Tudo para que a UBC possa continuar ainda por muitas décadas como a nossa música: sem fronteiras, mas com estilo próprio. [C](#)

OS 10 MAIS

Confira o ranking dos países onde os nossos artistas mais arrecadaram nos últimos cinco anos

- | | |
|-------------------|--------------|
| 1. Japão | 6. Itália |
| 2. Estados Unidos | 7. Espanha |
| 3. Reino Unido | 8. Argentina |
| 4. França | 9. Alemanha |
| 5. Portugal | 10. Canadá |

SEUS DIREITOS NO EXTERIOR.

O associado da UBC tem a mais ampla representação do seu repertório no exterior.

Direitos Autorais de Execução Pública
em mais de 130 países.

Direitos Conexos de Execução Pública
em mais de 20 países.

Direitos Fonomecânicos
em mais de 80 países.

O NOSSO DEPARTAMENTO INTERNACIONAL TRABALHA PARA IDENTIFICAR SEU REPERTÓRIO FORA DO BRASIL.

Entre em contato conosco, fornecendo maiores informações sobre o uso da sua obra no exterior para garantirmos o melhor atendimento possível.

Tel.: (21) 2223-3233 / international@ubc.org.br / www.ubc.org.br



União Brasileira de Compositores



A UBC SOMOS TODOS NÓS.

www.ubc.org.br